



REESMA, Humaitá - Amazonas, Volume XX, nº 2, jul-dez. 2026, p. 252-264.

CÍRCULO DIALÓGICO DE ESTUDOS E ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS NO CARIRI CEARENSE

DIALOGICAL CIRCLE OF ADULT STUDIES AND LITERACY IN CARIRI CEARENSE

Francisca Emeline Tavares de Oliveira¹

Ivo Gustavo de Paiva Siqueira²

Cícera Sineide Dantas Rodrigues³

Resumo: Este relato de experiência traz reflexões sobre a prática de círculos dialógicos de estudos de formação continuada de alfabetizadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A realização dos círculos dialógicos é parte do projeto de extensão voltado para alfabetização de adultos, vinculado à Universidade Regional do Cariri - URCA, em parceria com a Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB), em Juazeiro do Norte-CE. A pesquisa objetiva refletir sobre o círculo dialógico de estudos como dispositivo de formação docente continuada em serviço na EJA. Metodologicamente, a pesquisa trata-se de relato de experiência, inspirado no método da pesquisa-ação, baseado na análise do primeiro círculo dialógico de estudos, ocorrido no início de 2025. O estudo permitiu perceber a arquitetura e potencialidade do círculo dialógico de estudos como dispositivo de formação continuada, os principais conteúdos formativos e a importância da articulação comunitária no desenvolvimento de ações populares de alfabetização de adultos.

Palavras-chave: Formação docente; Círculos dialógicos; Alfabetização de adultos.

¹ Mestranda em Educação na Universidade Regional do Cariri – URCA. Especialista em Práticas de Ensino da Educação Infantil e Fundamental. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Professora efetiva da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte. E-mail: emeline.tavares@urca.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-9133-4925>.

² Mestrando em Educação na Universidade Regional do Cariri – URCA. Especialista em Gestão Escolar. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Professor efetivo da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte. Docente na Universidade Paulista. E-mail: ivo.gustavo@urca.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-5583-0583>.

³ Pós-doutoranda em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora Adjunta do Departamento de Educação da URCA/CE. Professora permanente do Mestrado Profissional em Educação – MPEDU - URCA. E-mail: sineide.rodrigues@urca.br. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7131-4707>.



Abstract: This experience report brings reflections on the practice of dialogical circles of continuing education studies for literacy teachers in Youth and Adult Education (EJA). The holding of dialogical circles is part of the extension project focused on adult literacy, linked to the Regional University of Cariri - URCA, in partnership with the Friends of Dom Bosco Community Association (ACADB), in Juazeiro do Norte-CE. An objective reflexive research on the dialogical circle of studies as a device for continuing teacher training in service at EJA. Methodologically, the research is an experience report, inspired by the action research method, based on the analysis of the first dialogical circle of studies, carried out at the beginning of 2025. The study made it possible to discover the architecture and potential of the dialogical circle of studies as a device for continued training, the main training contents and the importance of community articulation in the development of popular adult literacy actions.

Keywords: EJA; Teacher Training; Dialogic Circles; Adult literacy.



1 INTRODUÇÃO

ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE

Iniciar um semestre na Educação de Jovens e Adultos (EJA) implica escolhas pedagógicas que ultrapassam o automatismo de “cumprir um plano”. Trata-se de organizar o trabalho em contextos atravessados por heterogeneidade de trajetórias, múltiplas jornadas de trabalho e responsabilidades de cuidado, em que tempos e modos de aprender não coincidem com a escolarização regular. Nessa perspectiva, alfabetizar não é “ensinar letras”, mas criar condições para que jovens e adultos explicitem hipóteses sobre o sistema de escrita, produzam sentidos e se apropriem de práticas textuais socialmente situadas, deslocando o foco de exercícios mecânicos para a mediação docente em situações reais de uso da linguagem. Em diálogo com Freire, tomamos como princípio que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção” (2024, p. 24). Além disso, compreendemos que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro” (2024, p.30), o que implica planejar com rigorosidade metódica e abertura à investigação da própria prática alfabetizadora.

Tendo como temática a alfabetização de adultos, parte integrante da EJA, este relato situa-se em um projeto de extensão vinculado à Pró-reitoria de extensão da Universidade Regional do Cariri (URCA), voltado para a formação continuada de alfabetizadores e consequente elaboração de ações de alfabetização de adultos/as, em parceria com a Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB), situada em Juazeiro do Norte-CE, que atua ativamente no projeto, cede espaço, acolhe estudantes e sustenta pontes com famílias, lideranças e iniciativas locais.

O projeto em tela articula universidade, comunidade e rede pública em um arranjo que combina formação em serviço do coletivo docente (círculos dialógicos de estudos e planejamento), atendimento pedagógico no espaço comunitário (alfabetização de adultos na sede da ACADB) e dispositivos de diálogo com a comunidade (escuta de demandas, circulação de textos produzidos na turma e devolutivas públicas). Ao reconhecer a ACADB como coautora do processo formativo, evitamos a lógica de “intervenção” sobre a comunidade e sustentamos uma prática com a comunidade, na qual decisões são dialogadas e repertórios textuais emergem do cotidiano local.



A opção por um estudo prévio e situado sobre o tema da alfabetização de adultos ancora-se na literatura da formação continuada na perspectiva crítica da formação de professores. Nesse sentido, Nóvoa (2017) defende a afirmação pública da profissão docente e propõe reorganizar a formação em torno de movimentos que articulam desenvolvimento pessoal, colegialidade no trabalho, composição pedagógica, investigação da própria prática e exposição pública do fazer, o que recoloca a escola/comunidade como lugar efetivo de produção da profissão.

Por sua vez, Imbernón (2009) destaca processos colaborativos e contextualizados como condição para o desenvolvimento profissional docente, valorizando a colegialidade, a reflexão sobre/na ação e os dispositivos formativos situados no cotidiano da escola. Nessa direção, Tardif (2014) sustenta que o saber docente é plural e não homogêneo; forma-se sobretudo na prática, ao longo da carreira, sendo continuamente alimentado pela experiência e pelas interações do trabalho cotidiano.

Em diálogo com Freire (2024), essas referências sustentam uma concepção de formação continuada que não é evento pontual, mas tempo processual, protegido de leitura, diálogo e tomada coletiva de decisões, exatamente o que organizamos nos grupo de estudos com alfabetizadores, denominados de círculos dialógicos de estudos, inspirados nos círculos de cultura de Freire (1987), em que os/as participantes se reúnem para discutirem, de forma horizontal e dialógica, os estudos teóricos e práticos que envolvem o problema em questão – a alfabetização de adultos/as da comunidade local. A formação continuada nessa perspectiva parte da premissa de que “no círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em reciprocidade de consciências”. (Freire, 1987, p. 12).

Nesse sentido, o círculo dialógico estudos tem caráter permanente e pauta plural, variando as leituras conforme necessidades do grupo de alfabetizadores e dos alfabetizados do projeto. Desse modo, no primeiro semestre de 2025, elegemos como obra-guia para iniciar o período, o livro Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática, de Suzana Schwartz (2013), pela força da discussão sobre a categoria traduzida como invariantes didáticos pela autora em pauta, base para orientar os planejamentos e desenvolvimento das aulas na alfabetização de adultos.

Entendemos “invariantes didáticos” como princípios estruturantes que se mantêm no processo de ensino e aprendizagem, independentemente do tema trabalhado, sendo assim identificados: (1) diagnóstico do conhecimento prévio e acompanhamento



individual; (2) constituição do grupo; (3) contrato pedagógico; (4) planejamento por finalidades; (5) ambiente alfabetizador; (6) conteúdo como texto–contexto; (7) repertório de palavras significativamente memorizadas; (8) trabalho em grupo; (9) lição de casa; e (10) construção do clima de aprendizagem. Para as reflexões sobre os invariantes didáticos no contexto da alfabetização de adultos, os encontros nos círculos dialógicos de estudos foram organizados com roteiro de leitura, fichamentos compartilhados e sínteses destinadas a alimentar a pauta de planejamento das aulas subsequentes.

O contexto reforça a necessidade desse arranjo epistemológico, pedagógico e metodológico, tendo em vista a construção coletiva de alternativas que iluminem e apontem possibilidades para o campo da alfabetização de adultos. De fato, à luz do Censo 2022, o quadro da educação segue desigual: enquanto o Brasil registra 7,0% de pessoas de 15 anos ou mais não alfabetizadas, o Nordeste apresenta cerca do dobro, com 14,21%. No Ceará, a taxa é de 14,12%, próxima à média regional e acima da nacional (IBGE, 2023). Trata-se aqui de uma justificativa contextual: quando o tempo dos estudantes é curto e as demandas de uso da escrita são imediatas (assinar, ler recados de trabalho, preencher cadastros), torna-se imprescindível articular estudo, planejamento situado e organização de ambientes que “façam” por meio de textos vivos. Assim, o círculo dialógico de estudos foi concebido como dispositivo ético-político e técnico-profissional para iniciar o período letivo com intencionalidade partilhada e linguagem comum sobre a concepção crítica da educação que une o grupo.

Nesse horizonte, o objetivo deste estudo é refletir sobre o círculo dialógico de estudos como dispositivo de formação docente continuada na EJA. A ação formativa integra o projeto de extensão que visa contribuir para alfabetizar adultos em Juazeiro do Norte, na Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB), em Juazeiro do Norte-CE. Para discutir a alfabetização de adultos dialogamos com Freire (2024) e Schwartz (2013). O tema da formação docente continuada é embasado em Nóvoa (2017); Imbernón (2009) e Tardif (2014).

Ao explicitar as mediações entre leitura teórica e decisões de sala, propomos um roteiro formativo replicável para a EJA: estudar → planejar → implementar → replanejar —, tomando o espaço como recurso ativo. Em tempos de pressão por indicadores e burocracias, sustentar esse ciclo de estudo–ação–reestudo preserva coerência, autoria profissional e sentido social, condições para que a EJA cumpra sua promessa de direito à



palavra e de reparação de trajetórias marcadas por direitos negados historicamente. Na sequência, apresentamos o desenho metodológico e os procedimentos de organização do círculo dialógico de estudos, foco do nosso relato de experiência.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, com inspiração no método da pesquisa-ação no sentido de que o mesmo coletivo que estuda também planeja e executa as aulas e, simultaneamente, descreve e reflete sobre o processo vivido para realizar ações criativas e coletivas sobre a alfabetização de adultos, tema e problema central que une o grupo. De acordo com Barbier (2007, p.54)

a pesquisa-ação reconhece que o problema nasce, num contexto preciso de um grupo em crise. O pesquisador não o provoca, mas constata-o, e seu papel consiste em ajudar a coletividade a determinar todos os detalhes mais cruciais ligados ao problema, por uma tomada de consciência dos atores do problema numa ação coletiva.

O recorte temporal compreende as primeiras semanas do semestre letivo (fev.–mar./2025). A unidade de análise são os processos de formação continuada do coletivo docente e a organização do círculo dialógico de estudos que antecedeu o início das atividades na EJA- alfabetização de adultos.

O contexto é um projeto de extensão vinculado à Universidade Regional do Cariri (URCA), desenvolvido em parceria com a Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB), no Bairro Limoeiro, em Juazeiro do Norte-CE. A ACADB foi fundada em 06 de agosto de 1999. É uma instituição filantrópica, não governamental, sem fins lucrativos, cujo objetivo principal é amenizar ou solucionar os problemas do bairro, buscando sempre melhorar a qualidade de vida dos/as participantes com ações educativas, culturais, esportivas, religiosas, além de funcionar como Unidade Social Produtora de Refeições (USPR), integrada a cozinha comunitária, equipamento governamental de segurança alimentar e nutricional que visa distribuir refeições saudáveis a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

O projeto de alfabetização de adultos em parceria com a associação comunitária em destaque aproxima a universidade das demandas da comunidade local. A experiência desenvolvida no projeto ocorre no turno noturno, com uma turma de EJA composta por



jovens e adultos com trajetórias escolares interrompidas e níveis heterogêneos de letramento. O coletivo docente envolvido nos encontros formativos e nas ações alfabetizadoras reuniu 18 participantes, dentre docentes e licenciandos da URCA, professores da Educação Básica de municípios do Cariri, coordenadoras e voluntários/as da ACADB.

A base conceitual do estudo tomou, no primeiro semestre de 2025, como material estruturante de estudos a obra Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática, de Schwartz (2013), com ênfase nos invariantes didáticos para organizar o início do período das aulas na EJA. Esse material foi lido em articulação com Freire (2024) e com autores da formação continuada que sustentam processos colaborativos e situados, como Nóvoa (2017), sobre a formação centrada na escola/comunidade e a construção de uma linguagem profissional comum; Imbernón (2009), quanto à colegialidade e aos dispositivos formativos contextualizados; e Tardif (2014), que enfatiza os saberes da experiência produzidos no trabalho docente.

Em coerência com o objetivo do artigo, deliberou-se não produzir nem analisar indicadores de aprendizagem dos alfabetizandos. O foco é descritivo, centrado na formação docente continuada em serviço e na arquitetura do círculo dialógico de estudos.

Análises e resultados: encontros e modos de fazer no primeiro círculo dialógico de estudos

O primeiro círculo dialógico de estudos é o foco deste relato que apresenta a experiência dos autores desta produção, integrantes do projeto de alfabetização de adultos mencionado anteriormente. O círculo dialógico analisado foi realizado em três encontros presenciais, de duas horas cada, nas semanas anteriores ao início das aulas de alfabetização. Todos seguiram um roteiro: (a) acolhimento e explicitação dos objetivos do dia; (b) leitura orientada do capítulo/tema; (c) fichamento compartilhado; (d) roda de sínteses com encaminhamentos concretos para o planejamento; e (e) registro final em ata.

Além dos três encontros de estudo, foram realizadas, conforme a necessidade, reuniões curtas para retomar dúvidas emergentes, ajustar materiais e tempos e decidir pequenos redirecionamentos. Essa “dobradiça” entre estudo e prática manteve o ciclo estudo → planejamento → implementação → replanejamento, evitando que o grupo se tornasse apenas um espaço de leitura sem desdobramento em pauta de sala.



Em um momento de planejamento inicial foi feita a apresentação do livro Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática, de Suzana Schwartz (2013), situando-o como obra-guia para o começo do semestre. Nesse momento inicial, alinharam-se objetivos do ciclo (“por que estudar antes de planejar?”), apresentaram-se a estrutura do livro e os invariantes didáticos como linguagem profissional comum. Também foram pactuadas as três perguntas que acompanhariam toda a leitura: o que precisa estar explícito nos nossos documentos de trabalho? que materiais são essenciais? que critérios/evidências sustentam futuras decisões?

No 1º encontro do grupo de estudos, com duração de 2 horas, mergulhamos na primeira parte da obra, fomos divididos em duplas, cada uma ficou responsável por um tópico da Parte I e apresentou um breve recorte, seguido de discussão e fichamento coletivo. A conversa girou em três eixos que atravessaram as exposições: (1) o que chamamos de alfabetização na EJA não se limita a treino de letras e palavras, mas participação consciente e crítica em práticas sociais de leitura e escrita; (2) quem são os estudantes que atendemos: pessoas com trajetórias interrompidas, tempos apertados e usos imediatos da linguagem; e (3) o ofício do professor-alfabetizador, um saber-fazer-pensar-olhar que combina ética, método e atenção ao contexto.

Em suas reflexões, as duplas delinearão noções-chave, como a centralidade do texto e de seus usos sociais; a crítica à ideia de “decifrar/copiar” como sinônimo de ler/escrever; a compreensão da imagem do estudante adulto como sujeito inteligente que elabora estratégias de sobrevivência cotidiana em uma cultura escrita; e o convite para que o docente estude permanentemente e reflita sobre seus próprios pressupostos. Também foi alertado sobre os preconceitos recorrentes sobre o “analfabeto adulto” e o chamado a criar condições reais de participação destes sujeitos em seu processo de aprender a ler o mundo e a palavra escrita.

No segundo encontro, avançamos para a Parte II do livro de Suzana Schwartz (2013), retomando as anotações do primeiro encontro, sempre em diálogo com Paulo Freire e com autores do campo da formação continuada, para situar o estudo como prática colaborativa, dialógica e situada. Para diagnóstico do conhecimento prévio dos alfabetizando do projeto, acordamos um procedimento breve e investigativo orientado às hipóteses de escrita e aos usos cotidianos, com base em indicações de Suzana Schwartz



(2013), observando os seguintes tópicos: nome próprio e nomes significativos; tentativa de grafar palavras do contexto; e leitura/produção de um bilhete real.

Em constituição do grupo e contrato pedagógico, desenhamos uma pauta de chegada (roda de apresentação, expectativas, combinados) e um contrato coescrito com a turma, fixado como texto vivo. Além disso, o ambiente alfabetizador foi tratado como “sala que fala”: listamos o que deveria circular desde o início (identidade da turma, calendário, listas e nomes e banco de palavras significativas).

O terceiro encontro do círculo dialógico de estudos começou retomando invariantes didáticos que ficaram pendentes e, em seguida, abriu a leitura da Parte III do livro, “A aula — lugar de ensino, aprendizagem, interação”. Inspirado nos tópicos de Schwartz (2013), discutimos: como iniciar a aula, ativar a curiosidade, manter o interesse, acionar o conhecimento prévio, construir o significado da atividade e fechar sistematizando os saberes aprendidos em cada dia.

Dos debates nos círculos dialógicos, saíram combinados práticos: começar as aulas com acolhida criativa, lúdica e sensível, calendário datado pela turma e leitura do contrato (texto vivo), seguida de “aquecimento” com nomes/palavras do mural; ativação da curiosidade por objetos do contexto, imagens, perguntas geradoras (“onde usamos esse texto?”, “quem precisa desse recado?”); tarefas curtas em dupla/trio; ativação do conhecimento prévio a partir do diagnóstico e das experiências de trabalho/família; e construção de significado em situações reais de comunicação (bilhetes, listas, adivinhações, receitas, músicas, provérbios e outros repertórios de leitura), com leitura compartilhada, produção orientada e circulação do texto.

Ao longo dos três encontros, discutimos blocos temáticos que se conversam e que façam sentido para iniciar o semestre, preservando as ideias do texto de Schwartz (2013) e quando necessárias, fazendo adaptações a realidade da comunidade. O resultado desse percurso é um conjunto documental formativo (atas e fichamentos) que organiza a linguagem do grupo e oferece critérios compartilhados para decisões futuras, sempre no âmbito do estudo e da reflexão coletiva.

A parceria com a Associação Comunitária Amigos de Dom Bosco (ACADB) foi decisiva para afinar linguagem e repertórios. A associação apoiou a convocação dos estudantes, assegurou condições logísticas e mediou o diálogo com famílias e lideranças locais. Assim, a presença da ACADB como coautora reforçou a lógica de fazer “com” a



comunidade, e não “sobre” ela, em sintonia com a defesa freireana da extensão como comunicação e troca mútua de experiências, não como transferência de conhecimentos.

Nesse âmbito, a ação de comunicação entre alfabetizadores e alfabetizados parte de premissa de que “educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta”. (Freire, 1983, p. 15).

A arquitetura descrita se filia a uma concepção de formação continuada situada no trabalho colaborativo, dialógico, ético, político e rigoroso, orientada à construção de uma linguagem profissional do grupo de alfabetizadores embasada em uma epistemologia da libertação humana e não na domesticação e desumanização dos sujeitos. À luz de Nóvoa (2017), entendemos a escola/comunidade como espaço de produção da profissão docente e da identidade individual e coletiva destes profissionais. Nesse quadro, o círculo dialógico de estudos opera como dispositivo de colegialidade que expõe o fazer pedagógico ao crivo público (pautas, fichamentos, planos) e converte a investigação da prática em norma de trabalho.

Em diálogo com Imbernón (2009), entendemos a formação permanente como processo de desenvolvimento profissional docente ancorado na cooperação entre pares, na leitura contextual e na reflexão sistemática sobre a ação docente, evitando modelos prescritivos e descolados do território. Com Tardif (2014), reconhecemos a pluralidade dos saberes docentes, de formação, curriculares e sobretudo experienciais, construídos no exercício do ofício, o que implica documentar decisões e observações como forma de produzir memória profissional e matéria para análise coletiva, rearticulando, assim, teoria e prática no cotidiano.

No marco freireano, planejar é ato ético-político e “ensinar exige pesquisa”; por isso, abrir o semestre com estudo orientado e decisões ancoradas na leitura do contexto assume o sentido de responsabilidade pública sobre o que se ensina, para quem e com quais finalidades. A noção de “sala que fala” articula-se à dimensão ético-estética do ensinar em Freire (2024): o ambiente também educa, e a visibilidade da palavra como contratos, calendários, listas e textos vivos, institui pertencimento, autoria e critérios de qualidade para a ação docente.

Por fim, a escolha de iniciar o período com a obra de Suzana Schwartz (2013) forneceu uma matriz de organização que se mantém independentemente do tema ou do



gênero textual trabalhado. Não se trata de prescrever atividades, mas de sustentar princípios estruturantes (diagnóstico, contrato, finalidades, ambiente, texto–contexto, repertórios, trabalho em grupo, lição de casa e clima de aprendizagem) que servem como linguagem de trabalho para o coletivo docente. Esse enquadramento é compatível com as referências já citadas: cria condições para uma formação continuada em serviço que é colaborativa, situada, crítica e reflexiva.

Nesse sentido, o que apresentamos aqui foi a descrição de um dispositivo de formação continuada em serviço que transforma leitura teórica e escuta do contexto em linguagem profissional comum para iniciar o semestre na EJA-alfabetização de adultos. Essa descrição prepara o terreno para as considerações finais, nas quais retomamos limites do recorte, contribuições do arranjo e encaminhamentos práticos para sua sustentação ao longo do período.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos provisoriamente e retomamos o propósito deste relato de experiência-refletir sobre o círculo dialógico de estudos como dispositivo de formação docente continuada na EJA. No decorrer da escrita, descrevemos a organização e o funcionamento do primeiro círculo dialógico de estudos que antecedeu e sustentou o início do semestre do ano de 2025 na EJA, no contexto de um projeto de alfabetização de adultos em parceria com a URCA e a ACADB, em Juazeiro do Norte-CE.

Ao inaugurar o período letivo do ano citado, com tempo protegido de leitura e estudo teórico, o coletivo docente constituiu uma linguagem de trabalho comum para planejar, implementar e replanejar. A escolha da obra de Suzana Schwartz (2013) como eixo inicial de leitura, articulada ao referencial freireano e à literatura de formação continuada, não teve caráter prescritivo, mas reflexivo e narrativo de um fragmento experiencial vivenciado pelos autores deste relato, profissionais da educação que buscam outros modos de conceber e viver a formação continuada docente, tendo como bússola os princípios de uma educação libertadora, crítica, humanizadora e colaborativa.

Do ponto de vista formativo, o arranjo descrito reforça uma concepção de desenvolvimento profissional docente situada, colaborativa e documentada. Situada, porque nasce do contexto e a ele retorna para selecionar repertórios e gêneros de circulação social; colaborativa, porque delibera em colegiado e partilha um léxico



profissional; e documentada, porque torna visíveis as decisões (atas, fichamentos, planos de aula) e permite continuidade mesmo com rotatividade de participantes. Em diálogo com Freire (2024), planejar aparece como ato ético-político: estudar antes de decidir, nomear critérios, publicizar combinados e fazer do ambiente um aliado (“sala que fala”) é também proteger o tempo pedagógico e afirmar o direito à palavra dos alfabetizadores e dos alfabetizados na EJA.

Reconhecemos limitações: tempo reduzido para estudo e heterogeneidade interna do coletivo. Ainda assim, o dispositivo mostrou-se viável e replicável em outros contextos, desde que se preservem condições mínimas: (a) tempo protegido, ainda que curto, para estudos recorrentes; (b) documentação mínima viável (atas, planos datados, registros do ambiente); e (c) liderança pedagógica compartilhada que garanta continuidade diante de rotatividade.

Como encaminhamentos, propomos institucionalizar um encontro mensal de estudo (60 minutos) articulado a problemas reais da prática e manter reuniões breves entre pares para leitura conjunta de evidências e ajustes finos das sequências. Estudar antes de planejar qualificou o ofício docente ao alinhar finalidades, procedimentos e acompanhamento, condição necessária para iniciar o semestre na EJA, com coerência, autoria profissional e sentido social transformador.

Em síntese, este relato oferece um roteiro que pode ser recriado, tendo o círculo dialógico de estudos como dispositivo de formação continuada em serviço para a EJA: estudar → planejar → implementar → replanejar, em diálogo com as necessidades dos estudantes.

Em contextos marcados por tempos escassos, heterogeneidade de trajetórias e demandas urgentes de uso da escrita, iniciar o período com estudo orientado e linguagem profissional comum é condição de justiça social e de cuidado com o trabalho docente.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 79ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022:** panorama da educação. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 25 de setembro de 2025.

IMBERNÓN, Francisco. Permanente do professorado: novas tendências. São Paulo: Cortez, 2009.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. Revista Cadernos de Pesquisa, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: » <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106>. Acesso em 24 de setembro de 2025.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos:** teoria e prática. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.